



CONTEÚDO

Campanha Regional concentra-se no Tráfico de Crianças

Mulheres de Suazilândia e de Moçambique são recrutadas por 'Mareyané'

Infiltração de Sindicatos de Crime nas Estruturas Contra o Tráfico

Moçambique actualiza as Leis de Protecção Infantil

Tráfico de Raparigas Jovens na Tanzânia

Vítimas na Ucrânia ajudam a Processar Traficantes

Trabalhadoras do Sexo de Uzbek traficadas para Arménia

EVENTOS

Joanesburgo, 22-23 de Junho

Conferência de Esperança Partilhada sobre o Tráfico na África Austral



Department of Foreign Affairs
Norway

Mulheres Sul-africanas são traficadas para Macau

Mulheres sul-africanas estão a ser traficadas para a cidade de Macau no leste asiático, uma antiga colónia Portuguesa junto ao Rio Pérola (Pearl River), no lado oposto a Hong-Kong e que em 1999 passou a ser uma Região Administrativa Especial da China (ver mapa, em baixo à direita). Macau tem vindo a ser conhecido como sendo a 'Las-Vegas da Ásia' pelos seus inúmeros casinos, clubes nocturnos, e saunas para os quais as mulheres sul-africanas são atraídas sob o falso pretexto de irem trabalhar, e



depois encaminhadas à força para a prostituição, com poucas perspectivas de fuga. Uma fonte de informação policial suspeita que as mulheres sul-africanas têm vindo a ser traficadas desde o ano 2000.

Em Fevereiro de 2004, depois de uma provação que durou um mês, Nicola*, uma mulher sul-africana de 23 anos, conseguiu fugir dos seus captores em Macau, e regressou à África do Sul com a intervenção de oficiais de justiça em Macau. Numa entrevista com a IOM, Nicola afirma ter encontrado inesperadamente mais nove mulheres sul-africanas, negras, brancas e mistas vítimas em Macau, com idades compreendidas entre os 18 e 21 anos, que foram forçadas a prostituírem-se nas saunas de Macau. Ela diz que algumas dessas mulheres não têm podido fugir de Macau, durante os últimos dois anos e podem ser revendidas muitas vezes a vários grupos de agentes diferentes. 'Basicamente somos vendidas a uma sauna...e depois não há qualquer possibilidade de se sair daí'.

De acordo com Nicola, a rede de tráfico que existe entre Macau e África do Sul é dirigida por dois indivíduos de nacionalidade sul-africana, que fazem parte da indústria sexual em Joanesburgo (um homem e uma mulher) com a ajuda de dois parceiros que por sua vez estão ligados a pelo menos três cidadãos de nacionalidade chinesa com ligações a

redes locais de crime organizado ('Tríades') em Macau. Oferecendo oportunidades lucrativas de emprego no estrangeiro eles têm como objectivo a venda de raparigas jovens nos últimos anos da adolescência e nos primeiros vinte anos, que tenham experiência de dança de striptease ou de trabalhadoras sexuais em Joanesburgo. A própria Nicola estava a trabalhar num clube de strip no Norte de Joanesburgo, quando lhe ofereceram um trabalho semelhante em Macau, com promessa de acomodação luxuosa, todas as despesas pagas e auferindo um ordenado entre 10.000 e 20.000 dólares americanos. 'É uma proposta que não se pode recusar' conta Nicola à IOM.

Os traficantes também recrutam mulheres sul-africanas, para venda em Macau, usando anúncios publicitários em jornais sul-africanos e sites de sexo na Web. Depois de estabelecer contacto com as vítimas desejadas, elas são persuadidas a tomar drogas para inibir a vontade própria e serem levadas para o estrangeiro sem resistência. Nicola diz que as drogas têm 'um papel muito importante' e que também lhe forneceram drogas até ao dia da sua partida para Hong Kong, do Aeroporto Internacional de Joanesburgo. '(A agente) abordou algumas das raparigas conhecendo os seus antecedentes (uso de drogas), e encorajou o uso contínuo das mesmas...eu estava sob a



influência de álcool e drogas no dia que embarquei para Hong Kong.'

De acordo com Nicola os traficantes sul-africanos ganham aproximadamente 500 dólares americanos (3.400 randes sul-africanos) por cada mulher que é recrutada para trabalhar em Macau.

No início do ano de 2004 Nicola viajou de avião

Continued on page 4 ▶

Campanha Regional da Prioridade ao Tráfico de Crianças

Organizações civis na África Austral fundaram, em Junho de 2002, a Campanha Regional Contra o Abuso da Criança para combater a exploração sexual doméstica e comercial da criança, incluindo o tráfico de crianças. A Campanha foi lançada por 13 ONGs envolvidas em questões das crianças de Moçambique, Zâmbia, Zimbabué, Angola, Namíbia e África do Sul e os seus parceiros internacionais.

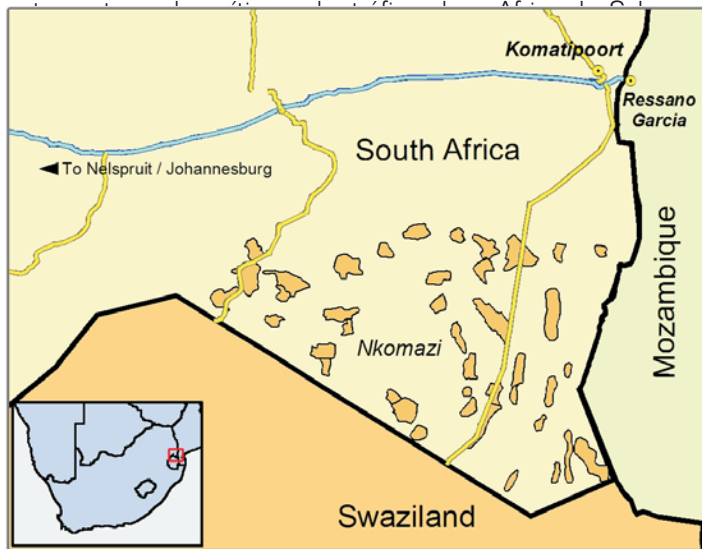
Os objectivos da Campanha são (i) aumentar a sensibilização e promover a mudança de comportamento, (ii) criar um grupo para pressionar os governos da região para introduzirem leis de protecção à criança, e (iii) estimular a colaboração entre a sociedade civil e os governos para reabilitar e promover a reinserção social,

crianças.

Nos últimos dois anos, a Campanha tem-se focado na prevenção de tráfico de crianças, através de investigação, distribuição de informações, apoio e assistência às vítimas. Os membros dos ONGs têm feito estudos sobre o tráfico de crianças na Zâmbia, no Zimbabué, e na África do Sul, e produzem semanalmente um programa pela rádio na Zâmbia para sensibilizar, entre outras, esta questão. Em Moçambique, os esforços de apoio levaram à criação de um programa para a Protecção da Mulher e da Criança no Ministério do Interior e uma estreita cooperação com a comissão das reformas das leis do país para se rever as existentes leis de protecção à criança. A Campanha tem posto pressão na

África do Sul para que os traficantes de pessoas para exploração sexual sejam criminalizados no Projecto de Lei de Ofensas Sexuais e para a inclusão no curriculum das escolas nacionais de instruções à criança sobre os perigos do tráfico de pessoas. A Campanha também tem proporcionado preparação e treino aos oficiais de justiça em Moçambique sobre o tráfico de pessoas, e estabeleceu duas unidades de assistências às vítimas nos postos fronteiriços da Namaacha e Ressano Garcia.

A Campanha é coordenada regionalmente pela Fundação do Desenvolvimento da Comunidade e a sede é no Maputo. Os seus benfeitores são Graça Machel e Arcebispo Desmond Tutu. Para mais informações ver a página da Web www.againstchildabuse.org



The scattered, densely-populated settlements of the rural Nkomazi district, formerly a homeland called KaNgwane, in north-eastern South Africa (above), home to approximately 290 000 people. Traffickers usually cross the borderline illegally or use one of several nearby border posts (including Jeppe's Reef and Mananga border posts which South Africa shares with Swaziland or the Lebombo border post with Mozambique) to transport their victims to Nkomazi.



Women trafficked to Nkomazi are usually sold into domestic servitude and sexual exploitation which occurs in private homes (similar to those pictured above). These homes also function as 'halfway houses' where victims being trafficked to South Africa's Gauteng province are often temporarily housed.

Mulheres da Suazilândia e Moçambique Recrutadas por 'Mareyane' e Vendidas para Escravidão

Os Traficantes vendem mulheres Suazis e Moçambicanas no Distrito Nkomazi, um conjunto de enormes grupos de populações rurais espalhadas pelo sul do Kruger National Park na África do Sul, e bastante próximos das fronteiras com a Suazilândia e Moçambique (ver o mapa à esquerda). O sindicato de traficantes consiste de homens da Suazilândia e de Moçambique, conhecidos localmente como os 'mareyane', são responsáveis pelo recrutamento, e perante os seus patrões sul-africanos, os quais são donos de carrinhas táxis ou têm contactos entre os condutores dos mesmos. Apesar de muitos deles terem vivido por um período de tempo considerável na área do Nkomazi e conhecerem bem o lado da fronteira sul-africana, os mareyane dependem dos seus conhecimentos específicos de certas partes de Moçambique e Suazilândia, e os seus contactos ao longo da fronteira, para assim facilitar o tráfico de mulheres e raparigas para a África do Sul. Em Moçambique, em Distritos tais como a Moamba e Magude, e na Província de Gaza, eles oferecem empregos, dinheiro, uma boa educação, e uma melhor vida, ou casamento a raparigas e mulheres com idades compreendidas entre os 15 e 45 anos na esperança de as convencerem a atravessar as fronteiras sul-africanas. Ocasionalmente, certas mulheres concordam em viajar para a África do Sul com os seus filhos depois de terem sido convencidas pelos mareyane, que são conhecidos dos seus maridos em Joanesburgo. Os mareyane conduzem as suas vítimas por caminhos perigosos, por vezes a pé durante uma longa distância ou por carrinhas táxis, a caminho da fronteira sul-africana, onde talvez as violem, ou roubem os seus objectos pessoais e dinheiro. Alguns destes mareyane especializam-se em imigração clandestina, e acabam por fazer tráfico de mulheres só para fazerem parte do processo de passagem de vários tipos de pessoas clandestinas incluído homens, pessoas idosas e imigrantes de longe até mesmo do Paquistão para a África do Sul.

Tendo atravessado a fronteira ilegalmente para entrarem na África do Sul, os mareyane então entram em contacto com os taxistas em Nkomazi, os quais vão buscar as mulheres e transportam-nas para casas consideradas de segurança, em vários grupos de populações rurais em Nkomazi tais como, Tonga, Naas, Mzinti, Kamhlushwa, Driekoppies ou Schoemansdal. Aí as mulheres são vendidas individualmente e "muito baratas" a homens sul-africanos e moçambicanos - muitas vezes por algumas centenas de randes. Nas casas privadas dos seus compradores, estas mulheres

Continued on page 3 ►

Infiltration of Counter Trafficking Structures By Criminal Networks

In February, IOM and the European Parliament co-hosted a meeting in Brussels to discuss the findings and action-oriented recommendations of a 14-month research and networking process focusing on the infiltration by criminal networks of counter-trafficking structures in participating EU, EU candidate, and selected neighbouring countries. The meeting brought together representatives and experts from the European Commission, European Parliament, participating governments and non-governmental sector in order to develop further recommendations and counter-trafficking initiatives to be implemented at the European and international level.

The research, funded by the Hippocrates Programme 2002 of the European Commission's Justice and Home Affairs

Directorate, surveyed both law enforcement and other agencies working to combat human trafficking, and NGOs and other victim support agencies. Of 100 expert participants surveyed, 25 claimed to have direct experience of infiltration. 37 had indirect experience with infiltration and were aware of specific cases. 91 out of 100 respondents admitted that a problem existed and recognized the need for measures to protect their structures from infiltration. 63 out of 100 respondents stated that they were concerned or very concerned by the problem of infiltration in their respective countries. 55 out of 100 believed that the risk of infiltration is likely to grow in the future.

The project, launched in January 2003, established a clear link between counter-trafficking work and infiltration and other

security risks stemming from the activities of criminal organisations with a vested opposing interest. It also identified a need to respond to the problem of infiltration both to protect victims and counter-trafficking workers, and to uphold law enforcement and judicial systems.

The project above all calls for more co-operation, information exchange and research. Among its proposals for future action, it includes a comparative legislative and policy review; the setting up of multi-agency co-ordination groups to address related problems; establishment of specific legal provisions and measures to increase physical, judicial and data protection for victims and counter-trafficking personnel; the strengthening of relevant management practices; and a code of conduct.

Verbatim

The phenomenon of... the export of persons, murder and removal of human organs, [and] the practice of paedophilia reveals the emergence of new types of sexual corruption, particularly the enticement, purchase or capture of children and minors for what is currently known as sexual tourism... [This] not only constitutes an aberration of our country's most basic cultural values but also imposes on us, as Mozambicans, a challenge which we must overcome. To this end, we must remain resolute and determined.

**President Joaquim Chissano of Mozambique
New Year's Address, 2004**

We are extremely concerned and angered by the cases of rapes, murders, trafficking of children and human parts that have been reported... As Members of Parliament for FRELIMO we would hereby like to state that we are available and ready to draft a law against the traffick of children and human parts.

**Manuel Tomé, FRELIMO Caucus
Mozambican Parliament, 2004**

KIWOHEDE: Young Girls Trafficked & Sold in Dar-es-Salaam

The Kiota Women's Health and Development Organization (KIWOHEDE) is a Dar es Salaam-based non-governmental organisation that works with young girls that have been trafficked to the city. In 2002, KIWOHEDE conducted a study in Tanzania and found considerable in-country trafficking from rural areas, like the Iringa region in the southwest part of the country, to Dar es Salaam. KIWOHEDE has noted a higher volume of in-country trafficking activity from October to December when primary schools close and girls learn whether they are able to attend secondary school in the New Year. If not, they may be lured into the sex trade or other exploitative labour in Dar es Salaam where they can be purchased at a range of local kiosks. A snap survey revealed at least 60 such kiosks in Dar es Salaam, notably in areas like Manzese, which translates literally from Swahili as "the Hyena's Den".

KIWOHEDE has also noted the existence of cross border trafficking to and from Tanzania. In some cases, young girls from Malawi and Zambia have been recruited by long-distance truck drivers or businesspeople for purposes of exploitative labour in Dar es Salaam. In others, Tanzanian girls have been trafficked to the Gulf states, or to countries in North Africa. In 2002, 23 Indian girls were discovered working as sex workers at a hotel in Dar es Salaam. They had been brought to Tanzania as dancers, but were auctioned off to the highest bidder and forced into sex work. Discovered without proper travel documentation by Tanzanian officials, they were eventually deported back to India..

Recrutadas por 'Mareyane' e Vendidas para Escravidão

e raparigas vivem em condições de escravidão que constam de trabalhos domésticos forçados, abuso físico e violência sexual. São "tratadas como escravas" e o único pagamento por quaisquer dos trabalhos é o alojamento e a comida. Apesar de parecer um casamento forçado - com as vítimas normalmente referidas como "esposas" dos seus compradores (donos) não são nominalmente casadas de acordo com qualquer ritual, costumes ou união civil, e não podem recusar-se aos seus compradores.

Presentemente existe muito pouca assistência especializada às mulheres traficadas para Nkomazi. Num Distrito com a população de 290 000 pessoas, só existe um abrigo para socorrer mulheres mal tratadas, oferecendo serviços de assistência limitada a mulheres vítimas de tráfico assim como, ocasionalmente, transportes para as poder levar para as fronteiras, para assim regressarem a casa.

Apesar de o número de vítimas ser desconhecido, as assistentes sociais para abrigo informam que a maioria das vítimas vindas para aquele Distrito são da Suazilândia e são comunicados aproximadamente 15 casos por dia.

Vendida a uma 'Sauna' em Macau

Continuação da Página 1

para Macau, transitando em Hong Kong com uma autorização para entrada, emitida à chegada, com validade de um mês. As pessoas que pretenderem prosseguir para Macau têm então de fazer um pedido de autorização aos oficiais do departamento de imigração em Hong Kong.

Ao chegar no Aeroporto Internacional de Hong Kong Nicola era esperada por três cidadãos chineses que a reconheceram através de fotografia que lhes tinha sido fornecida pelos seus parceiros sul-africanos. Por barco de travessia de rio ela foi transferida para Macau onde foi fechada à chave no terceiro andar de um prédio de apartamentos. Foi lá que ela encontrou a Christine*, uma sul-africana de 19 anos de idade, que tinha sido atraída para Macau uns meses antes pelo mesmo sindicato. O passaporte

de Nicola foi-lhe confiscado, e os seus captores impuseram uma dívida que escalava rapidamente com um valor inicial de 16.000 patacas macaenses (aproximadamente 1.992 dólares americanos ou 13.000 randes sul-africanos). 'O valor da dívida crescia diariamente', disse ela à IOM. No apartamento Nicola e Christine muitas vezes foram alimentadas apenas uma vez por dia, não podiam ter acesso ao telefone e nunca lhes foi permitido sair do apartamento sem um acompanhante. Nicola diz que os traficantes muitas vezes agrediam as mulheres que estavam nos apartamentos, ameaçando-as de serem presas pela polícia e com ameaças de morte. "Eles disseram-me que eu lhes devia dinheiro e como tal, agora pertencia-lhes...Eu sabia que se não fizesse o que eles queriam eu nunca mais veria ou falaria com a minha família," disse ela. As mulheres recentemente recrutadas muito raramente têm autorização para contactar com as que já estão em Macau há algum tempo, e os seus traficantes podem continuar a fornecer-lhes droga.

Os traficantes escondem as suas identidades das vítimas, referindo-se uns aos outros pelas suas alcunhas e sempre que uma vítima necessita de ser transportada normalmente usam carros diferentes. Segundo Nicola, os seus traficantes estão ligados com os poderosos "patrões grandes" do mundo do crime e do vício de Macau, que têm interesses nas saunas, empreendimentos de jogo de azar e comércio de drogas da cidade. 'Os Patrões das Saunas conhecem-se muito bem' diz Nicola, e por consequência existe uma enorme cumplicidade entre os que estão estabelecidos em Macau e as

organizações em Hong Kong.

Os traficantes de Nicola levaram-na de sauna em sauna, e eventualmente colocaram-na num estabelecimento com aproximadamente 100 mulheres, muitas provenientes da Rússia mas também de Vietname e da Tailândia. Nicola disse na sua entrevista ao IOM que estava convicta que todas estas mulheres foram recrutadas por esta rede de tráfico. Ela também disse que esta sauna específica tinha um sistema de atribuição de preço para a mulher que estava à venda. Dependendo da nacionalidade e da aparência física, era atribuído um número a cada mulher e era codificado a cores. O número e cor atribuídos a cada mulher iria determinar o seu preço, e os clientes da sauna podiam assim escolher a mulher que queriam, dos pequenos cartões com fotografias dessas mulheres. "Eles vendiam-nos como um número...nós somos um número, é isso que nós somos. Eles vendem-nos em categorias," disse Nicola. Depois de ter sido forçada a assinar um contracto de 3 páginas, em caracteres chineses que ela não percebia, Nicola foi colocada na mais exclusiva categoria de "VIP" negro para a qual os donos da sauna levavam a cada cliente 5.000 patacas, aproximadamente 623 dólares americanos / 4.000 randes sul-africanos. A sauna estava aberta 24 horas por dia e algumas mulheres que foram vendidas ao estabelecimento tinham que proporcionar serviços sexuais até 16 clientes num turno de 12 horas, começando às 6 da tarde. Todos os ganhos de Nicola eram recebidos directamente pelos seus traficantes, dos donos da sauna. "Eu trabalhei ali durante 2 dias e não consegui [continuar]," disse Nicola. "Perguntei-lhes se podiam dar-me o meu passaporte e eu voltar para o meu país...Fui agredida e disseram-me que se eu não trabalhasse, mandavam-me para casa numa caixa."

Recusando a continuar a trabalhar na sauna apesar dos traficantes persistirem com as ameaças, Nicola foi gravemente agredida e deixada numa rua para morrer. Mais tarde ela foi encontrada sem sentidos e ficou hospitalizada durante três dias. Quando ela recuperou, os oficiais de justiça em Macau ajudaram Nicola a apresentar uma queixa contra os seus traficantes (em Macau o tráfico de seres humanos é uma ofensa criminal) e auxiliaram-na a regressar à África do Sul sã e salva.

Nicola tem a "certeza absoluta" que ainda existem mulheres novas sul-africanas cativas em Macau, que necessitam de ajuda, e que querem regressar ao seu país.

Vítimas Ajudam nas Condenações de Traficantes na Ucrânia

Ucrânia foi um dos primeiros países na Europa a formalmente criminalizar o tráfico ilegal e criminoso. Como resposta ao recrutamento de mulheres e raparigas para a exploração sexual na Europa Ocidental e Central e no Médio Oriente, assim como o recrutamento de homens e rapazes para trabalhos forçados, o país adoptou um novo código criminal em 2001 que inclui o artigo 149, tornando o tráfico de seres humanos numa ofensa criminal acusável.

Ao mesmo tempo, a Ucrânia criou o Departamento de Investigações Criminais dentro das estruturas do Ministério do Interior, com unidades especializadas de policiamento para o impedimento do tráfico. Estas unidades de polícia especializada, que actualmente são compostas de 170 oficiais, foram estabelecidas e treinadas pelo governo Ucrainiano, como resultado da iniciativa mútua do governo e da IOM. Devido a estas alterações, tem havido um aumento progressivo de casos de tráfico a serem investigados e julgados. Enquanto que em 1998 só 2 casos de tráfico foram julgados, em 2003 esse mesmo número aumentou para 289. Entre 1998 e 2002 só houve 41 sentenças para tráfico humano. Só em 2003 foram sentenciados 160 casos.

Embora não fosse requerido por lei, uma queixa apresentada pela vítima, assim como o seu testemunho em tribunal, são vistos como uma acção essencial para o sucesso das condenações judiciais. As provisões da representação legal da IOM às vítimas de tráfico em casos criminais têm sido um passo muito importante para a efectivação das condenações dos traficantes de seres humanos. As vítimas de tráfico que recebem assistência judicial de IOM Kyiv estão a aumentar consideravelmente a sua cooperação com as agências das autoridades Ucrainianas e a testemunhar voluntariamente em tribunais, aumentando o número de casos criminosos apresentados em tribunal contra os traficantes. Estatísticas em 12 cidades mostram que enquanto em 2001 só 84 vítimas de tráfico testemunharam perante as autoridades policiais, em 2003, esse número aumentou para 278. Esse apoio ajuda a diminuir a distância que existe na confiança e apoio entre as vítimas e as autoridades, encorajando assim as vítimas a cooperarem na identificação dos traficantes e a prestarem declarações durante os procedimentos judiciais e criminais.

EYE on Human Trafficking

is a Quarterly Bulletin published by the International Organization for Migration (IOM)

Pretoria SOUTH AFRICA
ctpretoria@iom.int

www.iom.org.za www.iom.int

Pretoria Office

Tel +27 (0) 12 342 2789

Fax +27 (0) 12 342 0932